

Postais para o João César

MANUEL GUSMÃO

Costa e Silva anda a atentar-me para lhe dar um escrito sobre os **Sapatos** do João César. A última vez que vi o filme, e não devo tê-lo visto mais que duas vezes, foi seguramente há muitos anos. Não consegui revê-lo agora. E a memória que tenho dele, hoje, é sobretudo a do tempo dele, a de gentes nele, e de uma filmagem. E também, é certo, imagens de luz.

Só posso pois escrever ao lado, talvez encostado ao filme ou ao rumor dele; e no fundo como se mandasse postais ao João César.

1. Tenho pois a memória de gentes que **entram** no filme, mas que também estão fora

dele. Para mim, entram e saem do filme. E talvez não só para mim, porque vocês podem reencontrá-los aqui ou ali, uns mais que os outros, como me acontece a mim. Pertencem a uma ou mais constelações de pessoas que me fazem um tempo de crescimento, de encontros e desencontros, de afectos e complicitades. De espantação e de riso. Algumas delas têm, na vida, laços com outras que também estão no filme – ou a serem filmadas, ou a falarem, ou na assistência de realização ou de produção. Mas também têm esses laços com outras que não chegam a entrar no filme. As que lá estão, entretanto, é **como se** se representassem a si mesmas e ao mesmo tempo representassem as outras. Mas essa representação não pode deixar de ser – **maneiras de ser**. Como se o filme fixasse movimentos parciais das constela-



r - ao lado dos Sapatos

ções em movimento perpétuo. E nas imagens, pelas artes da luz, as que ali estão ganham uma evidência perturbante, até porque, **naturalmente**, parte daquelas constelações desfizeram-se, ausentaram-se, mudaram-se em outras. E porque éramos todos muito novos. Terá o filme, como se costuma dizer, «envelhecido», ou ficou tecido nele a vibrante e desamparada, a por vezes gloriosa, perdida ou não, juventude daquela gente, a «beleza adolescente» de 69/70. Era preciso ir ver. Fui ficando cada vez com mais vontade de o rever.

2. O João César gosta muito e forte de literatura e daquela que sim. O filme tem provavelmente a ver com uma certa forma de literatura libertina, onde os textos são fortemente referen-

ciais e jogam jogos com os próximos, os amigos no tempo. Mas aqui porque é outra a arte, a referência não une tanto a ficção de uma história a histórias da vida, ela é sobretudo a referência às caras, aos corpos, aos gestos, mudos (e climas) de habitar o espaço. E isso é por outro lado tempo-cristal. Narrativa incipiente, fragmentação, sim. Mas também amorosa construção de imagem, do plano, dos instantes. Não para fazer bonito. Mas para acertar com a luz e a sua sombra brilhante. O que me reverbera na memória é um preto e branco cristalino, vivo, agudo; como o de certas fotografias, mesmo antigas, que nos deixam um pouco espantados por termos uma história, ou como a evidência de uma caligrafia.

E era também um tempo de almirantes, tenho ideia que o filme goza, e de marinheiros/aventureiros.

3. Acção: mexe nos cabelos da menina. Ele mexia, o outro olhava, na cadeira de baloiço. Não a memória, mas um gesto.

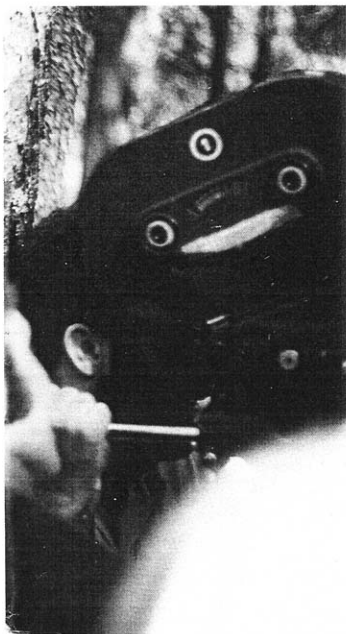
4. O filme tem talvez traços de uma forma do fazer do João César, que a mim aparece como a unidade entre o fascínio pela arte da luz, que o cinema é, e o fascínio pela arte da escrita, e como modo de entender uma e outra como imaginações de formas de vida, atravessantes da vida que dizemos nossa. Tem talvez traços que com outra modulação podem levar ao estranhamento de **Recordações da Casa Amarela**, onde julguei poder ver uma relação com o mundo especificamente português de trânsitos e cruzamentos (com equívocos e conflitos e tudo) entre certo neo-realismo e certo surrealismo.

5. Depois, há a cumplicidade à distância, certas preferências, que são um modo de a história fulgurar, como o Carlos gostava de caligrafar.

Por exemplo:

Há tempos vi na televisão o **À Flor do Mar**, do João César. A certa altura, uma personagem que faz, que traduz, diz que só de cem em cem anos (ou perto) consegue encontrar algo que... e lê um poema. Por acaso, semanas antes de ver o filme, eu tinha escolhido também esse poema - de Carlos de Oliveira, em **Entre Duas Memórias** -, para uma sessão de um seminário sobre esse autor, dirigido por uma colega minha que foi em tempos minha aluna.

Até mais ver. □





Ficha técnica

Produção, argumento, montagem e realização: João César Monteiro.

Direção de produção e assistente de realização: Jorge Silva Melo.

Fotografia: Acácio d'Almeida.

Som: Alexandre Gonçalves.

Música: José Alberto Gil.

Intérpretes: Luís Miguel Cintra (Lívio), Carlos Ferreira (Mário), Paula Ferreira (Mónica), Carlos Porto (penhista), António Brandão, Manuel Gusmão, Elsa Figueiredo, Nuno Júdice (as mãos dele).

Filme subsidiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.
P/B - 33 minutos - 35 m/m.
Ano: 1970.

Inédito no circuito comercial.

Antestreia no III Festival Internacional de Cinema de Autor de Benalmádena, a 26 de Novembro de 1971.

Exibido na RTP a 9 de Junho de 1979.

Exibido na Cinemateca Portuguesa a 20 de Abril de 1985.

Revista «Celulóide n.º 168» Dez. 1971 a pp. 18 e 19 por Fernando Duarte.

Bibliografia

Os filmes de João César Monteiro na Cinemateca Portuguesa
por Manuel S. Fonseca.

Filmografia

- 68/69 - Sophia de Mello Breyner Andresen.
- 70 - Quem Espera por Sapatos de Defunto
- 70 - Morre Descalço.
- 72 - Fragmentos de um Filme A Esmola - A Sagrada Família.
- 75 - Que Farei Eu com Esta Espada?
- 75/77 - Veredas.
- 78 - O Amor das Três Romãs.
- 78 - Os Dois Soldados.
- 78 - O Rico e o Pobre.
- 78/79 - Silvestre.
- 85/86 - A Flor do Mar.
- 89 - Recordações da Casa Amarela.

Prepara

Valha-me Deus.

Como actor

- 1978 - Amor de Perdição.
- 1977 - Veredas.
- 1978/79 - Silvestre.
- 1982 - A Estrangeira.
- 1987 - Relação Fiel e Verdadeira.
- 1985/86 - A Flor do Mar.
- Doc's Kingdom.
- 1989 - Recordações da Casa Amarela.

Assistente de real. no filme de Perdigão Queiroga **O Milionário**.

Crítico de cinema - «O Tempo e o Modo» - «Diário de Lisboa», «Cinéfilo».

Autor do livro **Moriturus Salutant** (1974), Edições Etc. [1]

